

DATA DE
RECEPCIÓN:
11/09/2017

DATA DE
ACEPTACIÓN:
15/11/2017

TEMÁTICAS TRANSGÉNERO NA LITERATURA INFANTIL

TEMÁTICAS TRANSGÉNERO EN LA LITERATURA INFANTIL

TRANSGENDER THEMES IN CHILDREN'S LITERATURE

Emanuel Verdade da Madalena

Universidade de Aveiro

emanuelmadalena@gmail.com



Resumo: Este artigo esboça uma perspetiva da presença de temáticas transgénero na literatura infantil publicada em vários países e línguas, e procura, necessariamente de forma não exaustiva, identificar, contextualizar e analisar um conjunto representativo de livros para a primeira infância que incluem explicitamente o tema da transgeneridade, ou que o trabalham implicitamente a partir de um dos principais *outputs* da identidade de género – o vestuário –, naqueles a que chamamos “os livros dos vestidos”. Depois das primeiras considerações introdutórias, prossegue-se com a intersecção das temáticas transgénero na literatura em geral com a sua presença nos livros para crianças, traçando brevemente uma evolução histórica e descrevendo a sua importância para um primeiro movimento didático da transgeneridade. Na análise aos livros, além de distinguirmos o tratamento explícito ou implícito do tema, damos especial atenção ao tipo de marcas e de metáforas utilizadas para veicular a não-conformidade de género e a transição, procurando sempre considerar a qualidade das propostas e a sua adequação ao público-alvo ou aos objetivos ativistas dos autores.

Palabras chave: literatura infantil; transgeneridade; transgénero; primeira infância; género.

Resumen: Este artículo esboza una perspectiva de la presencia de temáticas transgénero en la literatura infantil publicada en varios países y lenguas, y busca, necesariamente de forma no exhaustiva, identificar, contextualizar y analizar un conjunto representativo de libros para la primera infancia que incluyen explícitamente el tema de la transgeneridad, o que lo trabajan implícitamente a partir de uno de los principales *outputs* de la identidad de género – la vestimenta –, en aquellos a los que llamamos “los libros de los vestidos”. Después de las primeras consideraciones introductorias, se prosigue con la intersección de las temáticas transgénero en la literatura en general con su presencia en los libros para niños, trazando brevemente una evolución histórica y describiendo su importancia para un primer movimiento didático de la transgeneridad. En el análisis de los libros, además de distinguir el tratamiento explícito o implícito del tema, damos especial atención al tipo de marcas y metáforas utilizadas para transmitir la disconformidad de género y la transición, procurando siempre considerar la calidad de las propuestas y su adecuación a los destinatarios o a los objetivos activistas de los autores.

Palabras clave: Literatura infantil; transgeneridad; primera infancia; género.

Abstract: This article outlines a perspective of the presence of transgender themes in children's literature published in several countries and languages, and seeks to identify, contextualize and analyze a representative set of books for early childhood that explicitly include the theme of transgenderism, or that implicitly work from one of the main outputs of gender identity - clothing - in those we call "the books of dresses." After the first introductory considerations, we proceed with the intersection of transgender themes in general literature with their presence in children's books, briefly tracing an historical evolution and describing their importance for a first didactic movement of transgender. In the analysis of the books, besides distinguishing the explicit or implicit treatment of the theme, we give special attention to the type of marks and metaphors used to convey gender variance and transition, always seeking to consider the quality of proposals and their adequacy to the target audience or the activist goals of the authors.

Keywords: Children's literature; transgenderism; early childhood; gender.

Introdução

A infância é uma noção recente, construída culturalmente nos últimos dois séculos, embora já John Locke, no século XVII, considerasse errado que, na sua época, se vissem as crianças como versões mais simples e inferiores dos adultos (Kinchin & O'Connor, 2012: 23). Entretanto, fomos compreendendo a complexidade e especificidades da infância, até reconhecermos que a experiência infantil é diferente, mas de modo algum inferior à dos adultos. Além disso, começamos a valorizar as opiniões das crianças e a sua capacidade de apontarem as falhas na realidade dos crescidos e de nos renovarem a visão do mundo com o seu olhar inaugural e sincero.

No entanto, a infância também pode ser um terreno fértil para a crueldade, como percebemos cada vez melhor através da problemática do *bullying*, trazida da obscuridade da usança para o espaço público, nos últimos anos. Essa crueldade surge, habitualmente, da tirania do preconceito e dos estereótipos, sendo estes produzidos e legitimados pelos adultos, através do ambiente cultural e moral de uma sociedade. Como todas as formas de expressão humana, e chegando ao âmbito deste trabalho, a literatura infantil não deixa de ser também causa e efeito desse ambiente e se, por um lado, evoluiu para rimar com um renovado conceito de infância, por outro, deve também acompanhar o contexto social.

Com efeito, se a literatura para a infância vinha sendo conotada com o seu carácter moralizante e formativo, outrora numa perspetiva conservadora, tem agora, cada vez mais, o condão de transmitir novos valores que acompanhem a evolução da sociedade. Um exemplo disso é a cada vez maior presença de temáticas LGBTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgénero, *Queer* e Intersexuais) na literatura infantil, dando visibilidade, explicando e, em último caso, normalizando a identidade desses indivíduos tendencialmente marginalizados.

Neste artigo, começamos por apresentar o tema e a sua relevância, discutindo a importância da sua presença e tratamento pela literatura infantil. De seguida, identificamos e analisamos alguns livros para a primeira infância que incluem explicitamente o tema da transgeneridade ou que o trabalham implicitamente a partir de um dos principais *outputs* de género, o vestuário, naquelas a que chamamos de “os livros dos vestidos”. Uma breve análise às obras pretende identificar e problematizar as características mais comuns a este tipo de livros. Ao mesmo tempo que procuramos cotejar a qualidade das propostas, apontamos algumas falhas e pontos que ficam por explorar.



1. Género, tabu e literatura

É natural que a literatura infantil tenda para uma visão simplista e *padronizada* do mundo, porque se é verdade que o ser humano estrutura o seu pensamento através da categorização e sistematização, esses expedientes são ainda mais úteis à criança – isso é, aliás, o modo como se aprende. Assim, é útil que a criança aprenda a distinção entre os géneros (porque a sociedade assim o exige, acrescentamos nós), mas que também compreenda que o mundo não é só feito de azul e cor-de-rosa, mas que há todo um arco-íris pelo meio.

Que o mundo não é feito de uma história apenas já todos sabemos, mas a verdade é que a transgeneridade, trazendo o exemplo para o assunto que aqui abordamos, sempre foi um tema tabu. Mesmo estando presente desde sempre na cultura humana e na produção literária dita para adultos desde a mitologia grega, passando por Shakespeare ou Virginia Woolf (no seu famoso personagem transgénero Orlando, do romance homónimo), esta temática permaneceu sempre pouco visível e, no caso da literatura infantil, completamente ausente até há poucas décadas, como veremos. No entanto, parece-nos por demais óbvia a importância da sua presença no universo do livro infantil, para que se promovam, como refere Ana Margarida Ramos (2009: 301), «atitudes de aceitação e integração da diferença».

Estes efeitos só são possíveis pelo *poder* que a literatura em geral, e muito especialmente a infantil, tem para influenciar a mundividência e personalidade dos leitores. E isso explica-se pelas próprias características da literatura para a infância, como por exemplo, entre várias outras expressas por Blanca-Ana Roig Rechou (2013: 137-139): ser um meio de socialização; fornecer pontos de referência sobre o tempo e o espaço da criança; e participar na formação/desenvolvimento da personalidade, nomeadamente no raciocínio, carácter, reflexão, tolerância e compreensão. No entanto, a autora avisa que «para que o livro cumpra a sua função tem, em primeiro lugar, de AGRADAR à criança» (Roig Rechou, 2013: 139, ênfase da autora).

Como veremos, em relação à presença de temáticas transgénero na literatura infantil estamos ainda numa primeira fase onde predomina o esforço de legitimação e visibilidade em detrimento de uma *verdadeira* literatura, mas esse primeiro passo é essencial para que se quebre o tabu. Trazendo esses temas para o centro do sistema, desmistificando-os, não só a literatura fica mais rica e variada, capaz de melhor espelhar a variedade de histórias de que é feito o mundo, como será mais fácil promover o respeito e a aceitação das identidades de múltiplas minorias, finalmente reconhecidas por aquilo que são. Subscrevemos por isso a opinião de Ana Margarida

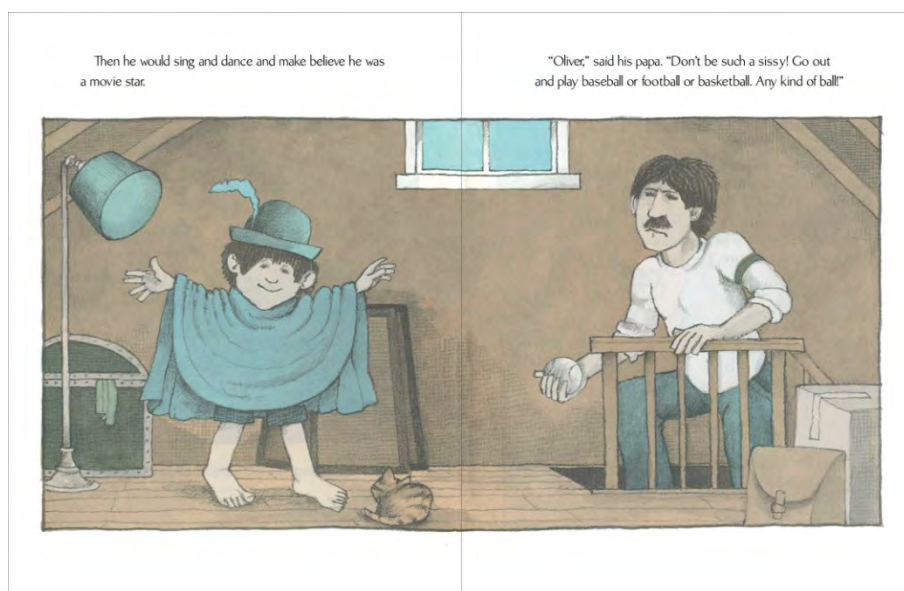


Ramos de que esta «questão da desmistificação de temas tabu, tradicionalmente embaraçosos porque ligados à intimidade, é, talvez, uma das maiores conquistas da moderna produção literária destinada a crianças» (Ramos, 2009: 299).

1.1. O género e a literatura infantil

Antes de a temática transgénero entrar na literatura infantil, a subversão dos papéis de género foi um assunto relativamente comum. As marias-rapazes ou os meninos que gostam de brincar com bonecas permaneceram, ao longo dos tempos, no imaginário popular, mas de certa forma estas personagens *reforçavam* o conceito dos papéis de género e da dualidade *menino/menina*. Ou seja, através de uma aparente e inofensiva subversão dos papéis de género, caricaturava-se o desvio à norma, acabando por se contribuir para o *status quo* da perspetiva dual e biológica do género.

Assim, só situamos a primeira aproximação implícita ao tema da transgeneridade no clássico *Oliver Button is a Sissy*, escrito e ilustrado por Tomie dePaola, publicado em 1979¹, que conta a história de um menino que não gosta de fazer todas as coisas “de rapazes” que se esperam dele. Oliver prefere passatempos mais criativos e ditos femininos, pelo que é muitas vezes chamado de “sissy” – maricas – pelos amigos. Sofre de *bullying* e alguém escreve na parede «Oliver Button é um maricas». Em vez de desportos, por exemplo, Oliver Button prefere dançar, para desgosto do pai (Imagem 1: Dupla página de *Oliver Button is a Sissy*).



¹ Antes disso, em 1972, houve já uma obra que, apesar de ainda longe da transgeneridade, tinha a subversão dos papéis de género como centro da ação, o *William's Doll*, de Charlotte Zolotow: William pede uma boneca ao pai, mas este fica desconfortável com a ideia e vai-lhe oferecendo brinquedos mais “apropriados”, como uma bola de basquetebol ou uma pista de comboios. Eventualmente, a avó oferece a boneca a William, explicando ao pai que William usará a boneca para aprender a ser um bom pai. Este livro foi usado durante décadas, nos EUA, em lições sobre papéis de género, estereótipos e educação para a tolerância.

Mas a mãe inscreve-o no ballet, onde é o único menino. É gozado por isso, mas, como se torna muito bom no sapateado, participa no sarau de fim de ano e é bastante aplaudido, apesar de não ganhar. Oliver fica triste e não quer voltar à escola, mas acaba por regressar. Quando lá chega, percebe que riscaram o “maricas” da parede e que agora está escrito: «Oliver Button é uma estrela».

A sensibilidade de dePaola não deixa de estar presente nesta história com reflexos autobiográficos – também o autor era gozado por estar sempre a desenhar em vez de praticar desportos com os amigos. O livro consegue articular duas mensagens: que, apesar de nos confrontarmos com críticas e rejeição, devemos continuar a fazer o que gostamos, tal como Oliver persevera no sapateado; e que a aceitação e a bondade para com os outros são essenciais – um pequeno ato pode ser suficiente para mudar a vida de alguém, como a alteração da frase na parede, depois de os colegas de Oliver o verem como ele realmente é, através do seu talento, e o compreenderem e aceitarem.

1. 2. Os livros dos vestidos

Apesar deste exemplo extemporâneo, só no século XXI é que as temáticas transgénero haveriam de chegar definitivamente à literatura infantil, num movimento que se conclui, agora, ininterrupto. Ainda assim, o tema continuou a surgir de um modo implícito, nomeadamente a partir da subversão dos papéis de género. Foram surgindo diversos livros onde o tema central é o gosto (ou a preferência) de um menino por vestidos, exemplificando dessa forma a não identificação com os papéis de género tradicionais. É o caso, em ordem cronológica, de *10,000 Dresses*, de Marcus Ewert (texto) e Rex Ray (ilustração), de 2008; *My Princess Boy*, de Cheryl Kilodavis (texto) e Suzanne DeSimone (ilustração), de 2009; *Morris Micklewhite and the Tangerine Dress*, de Christine Baldacchino (texto) e Isabelle Malenfant (ilustração) e *Jacob's New Dress*, de Sarah e Ian Hoffman (texto) e Chris Case (ilustração), ambos de 2014. Embora o *My Princess Boy* seja menos narrativo, de forma geral estes livros contam a história de um menino que gosta de usar vestidos, atitude que suscita resistência nos outros. Se no *My Princess Boy* a família aceita essa preferência, mas os colegas não², no *10,000 Dresses* nem sequer a família aceita, mas apenas uma nova amiga que Bailey, o protagonista, encontra no fim da história.

² Mostrando também a resistência dos colegas, a ação de *Jacob's New Dress* passa-se claramente em ambiente pré-escolar, o que nos parece especialmente apropriado, uma vez que é precisamente em idade pré-escolar que é mais frequente aparecer o fascínio por vestidos ou por princesas nos meninos, sem que isso signifique a presença de uma disforia de género (Platero, 2014: 83).



Em relação a uma subjetiva qualidade literária destas publicações, consideramos que as duas obras mais recentes são visivelmente melhores do que o livro de 2008, por exemplo, notando-se alguma evolução (pelo menos em relação a esta exígua amostra). Importa, no entanto, salientar o volume *My Princess Boy*, onde se percebe um subtexto transgénero mais marcado. Sem nunca se referir à transgeneridade, esta obra, inicialmente uma edição de autor e posteriormente publicada com a chancela da Simon & Schuster, apela à tolerância em relação, nas suas palavras, aos *meninos-princesa* (Imagem 2), conceito que serve de metáfora para mais do que apenas o gosto por vestidos de princesa.

Com frases como «Se tu vires um menino-princesa, vais rir-te dele? Vais chamar-lhe nomes? Vais brincar com ele? Vais gostar dele tal como ele é? O nosso menino-princesa é feliz porque nós o amamos pelo que ele é», *My Princess Boy* é o livro que, destes quatro exemplos, mais se aproxima de um tratamento explícito da temática transgénero. No entanto, já o *10,000 Dresses* tinha um pormenor fundamental que identificava o protagonista como transgénero: o uso de pronomes femininos (e, apenas uma vez perto do fim do livro, “the girls”, referindo-se ao protagonista e a uma amiga) por parte do narrador para se referir a Bailey, que gostava de vestidos.

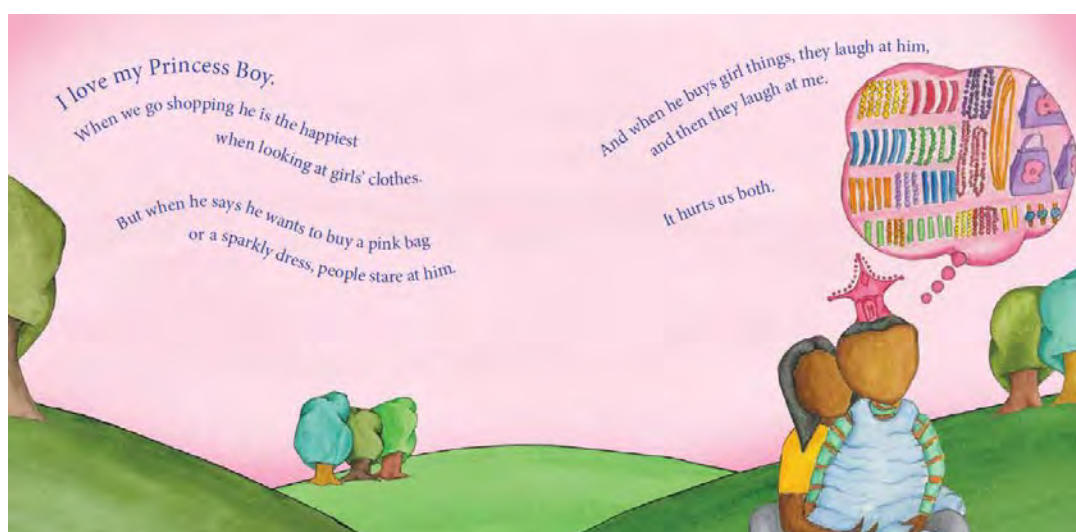


Imagem 2 – Dupla página de *My Princess Boy*

Desta forma, *10,000 Dresses* consegue apresentar a questão apenas através de uma *dissonância* entre, por um lado, os pronomes usados pelo narrador e o gosto de Bailey por vestidos e, por outro, as ilustrações que o *identificam* como menino e a reação dos pais e do irmão, que lhe dizem sempre «You're a boy». Esta subtilidade pode, no entanto, ser menos clara para o público infantil.

É neste tipo de livros, que abordam explicitamente a questão da subversão dos papéis de género, mas apenas implicitamente a transgeneridade, que encontramos o único exemplo

português, de 2016: *Os Vestidos do Tiago*, de Joana Estrela, uma jovem ilustradora do Porto que publicou, no mesmo ano, pela Planeta Tangerina, o livro-álbum *Mana*, vencedor do Prémio Internacional de Serpa para álbum ilustrado de 2015.



Imagem 3 – Última dupla página de *Os Vestidos do Tiago*

Esta pequena brochura de 16 páginas é uma *fanzine*, estando mais próxima da proposta artística do que da obra literária, embora recorra ao texto (um texto principal rimado com apartes, comentários e falas extra) e a elementos narrativos para falar do Tiago, um menino que gosta de usar vestidos. Embora não se aborde claramente a questão do género, mostra-se a aceitação da mãe e da avó do Tiago, o questionamento pela sociedade e, no fim, a constatação de que «há mais meninos como ele / o Tiago não está sozinho»³ (Imagem 3).

Como podemos reparar, mesmo depois daquele que identificamos como o primeiro livro infantil a falar explicitamente da transgeneridade, em 2010, estes livros dos vestidos continuaram a aparecer. A própria questão do vestuário continua presente nesses livros *sobre* o tema, o que exemplifica eloquentemente a sua importância fundamental para a identidade de género.

³ Entre outros, um pormenor interessante é o uso da cor: as ilustrações ou o fundo de cada dupla página tem apenas uma cor que vai mudando ao longo do livro, mas na última página, onde se veem os outros meninos que são como o Tiago – mas cada um à sua maneira –, cada personagem tem a sua cor (Imagem 3), dando uma ideia de diversidade.

2. Os livros sobre o tema

A ênfase dada à palavra “sobre” não é despendida: uma das principais características que se podem apontar nos livros infantis com estas temáticas é precisamente o facto de tudo gravitar em torno da transgeneridade. Generalizando, verificamos que a abordagem dada ao tema da homossexualidade pela literatura infantil também começou dessa forma, mas que atualmente podemos encontrar a homossexualidade como uma característica por vezes lateral ou acessória, não determinante para a narrativa (principalmente na literatura juvenil). Do mesmo modo, espera-se que a presença da transgeneridade na literatura infantil siga o mesmo caminho, partindo da atual tendência para abordar o tema com o intuito claro de o explicar, normalizar e dar visibilidade, tal como passaremos a confirmar pelos exemplos seguintes.

Aquele que identificamos como o primeiro livro para crianças a falar explicitamente da transgeneridade surge em 2010: *Be Who You Are!*, de Jennifer Carr (texto) e Ben Rumback (ilustração). O livro conta a história de Nick (a idade não é especificada), uma criança que se sente uma menina desde que se lembra, embora tenha nascido com o sexo biológico masculino. Sentia que «tinha um cérebro de menina» e dizia aos pais que era «uma menina por dentro» (Imagem 4).

Os pais respondiam-lhe «be who you are» – “sê quem és” (a autora do texto tem uma filha transgénero, a quem disse o mesmo) – e apoiavam-na sempre. Vamos acompanhando, depois, várias situações por que Nick passa na sua transição para Hope – na escola, com a resistência dos professores e colegas; com uma terapeuta, que a ajuda a lidar com essas situações; com os pais, que procuram outros pais de crianças transgénero; e com o irmão, que demora a compreender que Nick é agora Hope, mas que acaba por consegui-lo e começa a defender a irmã na escola.

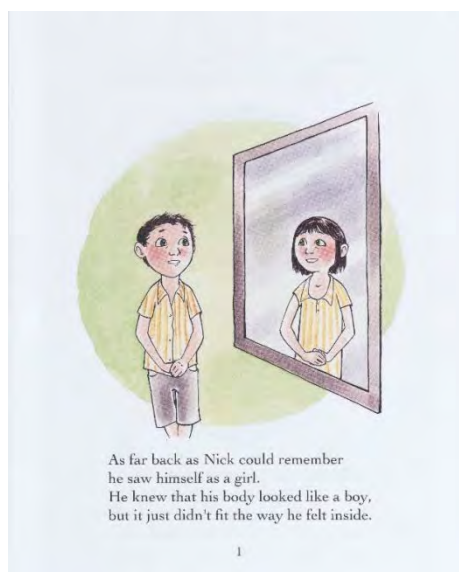


Imagem 4 – Página de *Be Who You Are!*

Temáticas transgenero na literatura infantil

Be Who You Are! é uma história alegre e positiva, onde os pequenos percalços são resolvidos rapidamente e todas as pessoas próximas de Hope acabam por aceitá-la. É um livro bem-intencionado, mas puramente *instrumental*. O próprio texto da contracapa começa por assinalar isso mesmo: «*Be Who You Are* é o primeiro de uma série de livros infantis desenhados para educar crianças, irmãos, pais, família, amigos, cuidadores, educadores e a comunidade sobre as crianças transgénero». É por isso natural que inclua os pontos principais dessa educação, que passam pela explicação da disforia de género; da necessidade pessoal de afirmação da identidade, através da mudança do nome e do vestuário; e da necessidade alheia de alterar a forma de tratamento (os pronomes, por exemplo) e de apoiar a criança. Neste caso, inclui até a presença da psicóloga e dos grupos de pais de crianças transgénero.

Em 2013 é publicado, também nos EUA, *When Kayla Was Kyle*, escrito por Amy Fabrikant e ilustrado por Jennifer Levine. Este livro, embora de aspeto pouco apelativo, acaba por ter um texto bastante comovente e sensível (embora algo palavroso) sobre Kyle, que é desprezado pelos colegas da escola pelo seu carácter *feminino*, mas que com o apoio dos pais faz a transição para Kayla. No fim, apesar de muitos colegas e adultos continuarem a não perceber e a «serem maus» para ela, Kayla percebe que os seus verdadeiros amigos a aceitam. Apesar do esforço narrativo visível, este livro não difere dos outros quanto ao seu carácter instrumental e também não o esconde, incluindo até uma nota explicativa da autora, uma ativista e consultora de assuntos LGBTQI, e uma página com recursos, onde é listado um conjunto de associações de apoio a jovens e/ou adultos transgénero. A narrativa deixa uma mensagem clara de aceitação, quando Kayla diz que «é importante amar o que parece diferente de ti, porque quando o fazes o teu coração fica mais forte». Antes deste livro, surgiram o muito semelhante (até no título) *When Kathy is Keith*, do psicólogo Wallace Wong, e o *All I Want To Be Is Me*, da terapeuta Phyllis Rothblatt, ambos de 2011, a que só tivemos acesso parcial. Este último tem a particularidade de apresentar um mosaico de várias personagens, com diferentes experiências de não-conformidade de género.

Em 2014 é publicado *I Am Jazz*, escrito por Jessica Herthel e Jazz Jennings e ilustrado por Shelagh McNicholas. A história é inteiramente autobiográfica, sobre Jazz, uma rapariga transgénero cuja história foi bastante importante para o movimento dos direitos das pessoas transgénero dos últimos anos, nos EUA⁴. Uma celebridade da *internet*, com centenas de milhares

⁴ Por outro lado, a visibilidade que Jazz Jennings alcançou, bem como o sucesso dos seus livros, fez com que as apresentações e leituras públicas de *I Am Jazz* fossem alvo de fortes protestos e boicotes, ao ponto de Jessica Herthel, a coautora, desistir de as organizar. Além disso, o livro figura em terceiro lugar na lista dos livros mais banidos das bibliotecas escolares e públicas dos EUA em 2016.



de subscritores do seu canal de Youtube, Jazz Jennings viu ainda serem feitas duas temporadas de um *reality-show* documental sobre a vida dela e da família, que desde cedo a apoiou na transição e se tornou ativista (principalmente a mãe de Jazz), criando uma associação de apoio. A própria Jazz escreveu uma autobiografia chamada *Being Jazz: My Life as a (Transgender) Teen* (2016), dirigida ao grande público. Já o *I Am Jazz* tem a particularidade de estar adaptado às crianças de uma forma talvez mais bem conseguida do que os outros exemplos que vimos analisando. Além de ser narrado na primeira pessoa, introduz a questão da transgeneridade quase a meio da história, dando a oportunidade ao recetor de se começar a identificar com a Jazz *antes* dessora característica que acabará por enformar a narrativa. A história é muito simples e positiva, e acima de tudo direta e curta, com uma boa distribuição de pouco texto por página/ilustração, embora se acabe por contar todo um processo de crescimento e transição. Uma outra característica interessante é que o livro começa logo com a menina Jazz, sem apresentar a personagem antes da transição, como acontece nos outros livros. Na nossa opinião, esta opção consegue reforçar a ideia de que Jazz sempre foi uma menina com um «cérebro de menina num corpo de rapaz» (Imagem 5).



Imagem 5 – Página de *I Am Jazz*

O aparecimento da temática transgénero na literatura infantil não será, certamente, um exclusivo da paisagem editorial anglo-saxónica, embora pareça natural que sejam os livros em inglês, nomeadamente os publicados nos EUA (onde, diga-se, o tema transgénero continua ao rubro), a conseguirem ter um maior impacto (mediático, literário, social?).

Reservando a grande probabilidade de haver livros infantis com esta temática noutros países/línguas, apenas conseguimos identificá-los em Espanha. Os primeiros dois exemplos surgem em 2015 pela catalã Edicions Belaterra, uma editora apostada em, segundo o site oficial, difundir obras «com um marcado teor interdisciplinar e um particular foco nas propostas mais críticas e inovadoras». Além de outros títulos sobre temáticas LGBTQI (algumas infantis), tem no seu catálogo dois livros infantis que abordam o tema transgénero, embora de uma forma quase exclusivamente informativa, *La Mochila Rosa* e *El Rancho de Cris*⁵, de María Gutiérrez (texto), Nazara Lázaro e Isaac Correa (ilustração), consiste simplesmente na apresentação de Cris como uma menina de quatro anos que quando for grande quer «ter barba e um pénis» como o pai e ser *cowboy*, e na reação preocupada dos pais, logo resolvida com uma visita a um muito explicativo pediatra, que lhes diz para não se preocuparem. Os pais perguntam se é normal e o médico, ao responder que sim, faz questão de explicar que é aos seis ou sete anos que as crianças se identificam como menino ou menina e diz-lhes também para não a reprimirem. A história termina logo de seguida, com os pais a aceitarem a situação e a dizerem que Cris será «o que sinta que é».

Esta dimensão meramente informativa é reforçada pela presença de uma espécie de posfácio de quatro páginas intitulado *Guia para familiares e educadores*, que explica os conceitos principais de sexo, género e sua disforia e oferece algum suporte teórico sobre o tema, apresentando também algumas sugestões para integrar as crianças transgénero e sensibilizar a comunidade para esta diversidade, nomeadamente os educadores e os educandos.

Também em Espanha e pela mesma altura, em 2015, surge o *Trans Bird*, de Rita Bailón Gijón (texto) e Nacho Donoso Bailón (ilustração), um «conto dedicado às pessoas transgénero e seus amigos» que vai já na segunda edição. Opondo o enredo e a fantasia à informação e realismo dos outros dois exemplos vindos de Espanha, a narrativa de *Trans Bird* é bem mais rica e substancial: um pássaro sem nome, que nunca aprendeu a voar e se sente triste por isso, afasta-se dos seus semelhantes e aventura-se pela selva, encontrando vários animais diferentes que o ajudam a seguir a sua aventura, até encontrar Pépin, por quem se apaixona. Pépin batiza-o de *Trans Bird*, «pela sua valentia de seguir em frente e atravessar os lugares mais perigosos da selva». Com Pépin, o pássaro encontrará o seu lugar entre os melhores músicos da selva, com quem cria um

⁵ Apenas tivemos acesso parcial ao *La Mochila Rosa*, mas conseguimos perceber que as linhas temáticas da narrativa, assim como o seu teor, são semelhantes às de *El Rancho de Cris*, mas sobre um menino com comportamentos femininos. Inclui também um posfácio, mas neste caso com propostas educativas.

espetáculo musical sobre a sua própria transformação, já maquilhado, com roupas novas, sapatos de salto alto e «cheio de cores e plumas, deslumbrante e maravilhoso» (Imagem 6).

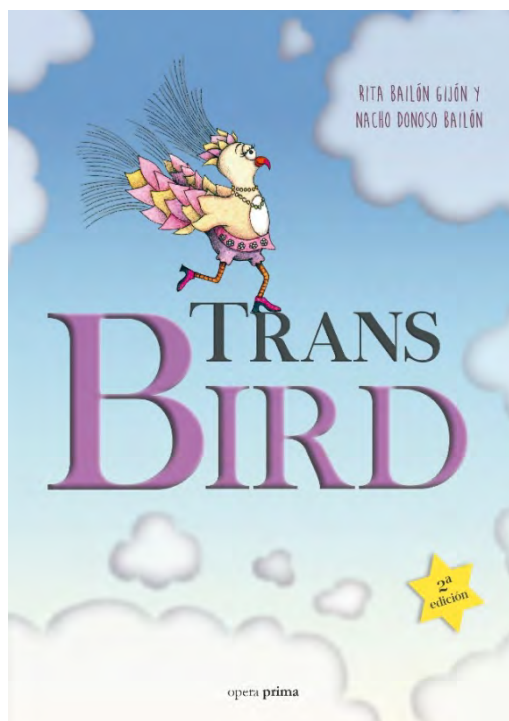


Imagem 6 – Capa de *Trans Bird*

Sendo a fuga um expediente habitual na literatura infantil, por corresponder às fantasias das crianças e ser um motor narrativo eficaz (Mota, 2016: 100), torna-se neste caso particularmente significativo, representando na transgressão e na independência do meio familiar do protagonista a sua autodescoberta identitária e o encontro com uma nova família, que o aceita como é. Assim, sem uma obsessão didática, este livro acaba por ser, na nossa opinião (e apesar da questão do transformismo, que pode criar ruído ou alguma confusão), a melhor proposta vinda de Espanha⁶.

Entretanto, já em 2016, voltamos aos EUA para a mais recente obra com temática transgénero e também uma das melhores: *Introducing Teddy*, de Jessica Walton (texto) e Dougal MacPherson (ilustrações), editado pela Bloomsbury. Com o subtítulo *Uma história sobre seres tu próprio*, a narrativa de *Introducing Teddy* segue a amizade de Errol e Thomas, um menino e o seu urso de peluche. Passam os dias a brincar, mas um dia Thomas fica triste – tem medo de contar a Errol que precisa de ser ele próprio. Thomas diz: «[N]o meu coração, sempre soube que sou uma ursa de peluche, não um urso de peluche. Gostava que o meu nome fosse Tilly, não Thomas» (Imagem 7).

⁶ Tendo a edição de livros com temáticas homossexuais para um público infantil começado no país vizinho ainda nos anos 90 e em Portugal apenas em 2007 (Ramos, 2009: 303), esperamos que neste caso não demore tanto.



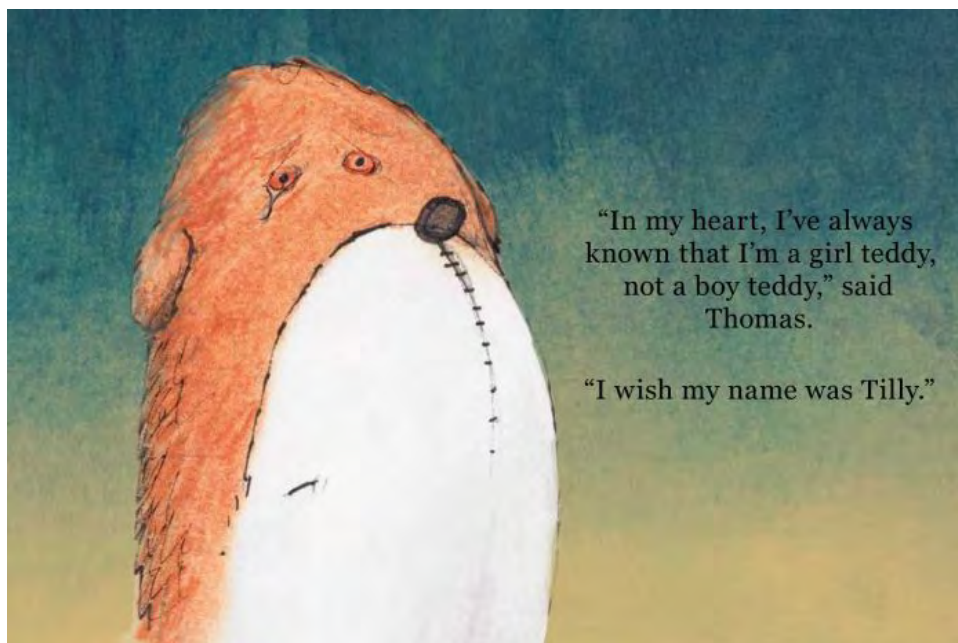


Imagem 7 – Página de *Introducing Teddy*

Errol não se importa, diz que o que interessa é que Tilly seja sua amiga» (no original – «my friend» – sem género). Chamam Ava, uma amiga de Errol, que lhe muda o laço do peito para a cabeça, e tudo termina como começou, com Errol e Tilly a passarem os dias a brincar. A questão da transgeneridade, embora seja central na narrativa, acaba por não ter um peso significativo, aparecendo apenas em dois momentos – quando Teddy conta a Errol que na verdade se sente Tilly e quando Ava lhe muda o laço de lugar.

2.1. Marcas da temática transgénero

Como fomos fazendo notar ao longo desta necessariamente breve análise, existem algumas características que se vão repetindo, se não em todos, em quase todos os livros considerados. A principal e mais marcante é o facto de o momento central das narrativas ser sempre o da transição⁷ (exceto no *Trans Bird* e, discutivelmente, no *Introducing Teddy*, uma vez que tal momento aparece bastante diluído na narrativa). Do mesmo modo, o principal *output* da identidade de género abordado e trabalhado é o vestuário, sendo também utilizado, frequentemente, o tipo de brincadeiras diferentes dos meninos e das meninas para ilustrar a identidade de género disfórica

⁷ Sendo a questão da *identidade* um ponto central, é interessante verificar como até nos títulos a presença do “ser” – daquilo que se é ou foi – é bastante comum: *I Am Jazz*, *When Kayla Was Kyle* e, claro, todo o título *Be Who You Are*, assim como *Introducing Teddy*, que se pode traduzir como “Apresentando Teddy” – aquilo que fazemos com as novas pessoas que vamos conhecendo e dando a conhecer ou, no caso, por uma *nova identidade*.

do/a protagonista. Ainda neste âmbito das formas de *ilustrar* o tema, verifica-se a presença de algumas metáforas comuns à disforia de género, nomeadamente uma qualquer variação da expressão “ter/tenho um cérebro de menina/o num corpo de menino/a” (no *Be Who You Are!*, no *When Kayla Was Kyle* e no *I Am Jazz*); e os espelhos, onde o menino/a se vê como realmente é – com o género com que se identifica (no *Be Who You Are!*, no *When Kathy Is Keith* e no *Introducing Teddy*). Sendo os espelhos uma presença habitual nas histórias infantis mais ou menos clássicas, torna-se particularmente interessante verificar a grande frequência com que estes espelhos mágicos aparecem nestes livros, por vezes até na capa (Imagem 8).



Imagem 8 – Capas de *When Kathy is Keith* e *Introducing Teddy*, dois exemplos do uso do espelho como metáfora

Da mesma forma, considerámos interessante descobrir que as crianças transgénero são muitas vezes fascinadas por sereias – como a Jazz Jennings, protagonista do *I Am Jazz* –, não pelo imaginário das histórias infantis, mas por as sereias não possuírem genitais (sendo que os genitais “errados” são uma fonte de mal-estar para estas crianças).

Outra característica importante que todos estes livros partilham é a falta de interseccionalidade: são sobre famílias de classe média, ou pelo menos não visivelmente ricas ou pobres, e brancas, com exceção do *My Princess Boy* (personagens afro-americanas, como a autora e o seu filho, a fonte de inspiração para o livro). Além disso, a transição *male-to-female* (de masculino para feminino) é claramente predominante, embora isso possa ser explicado por alguns estudos que apontam para uma maior prevalência de disforia de género em crianças identificadas biologicamente como rapazes, embora pela adolescência as percentagens se assemelhem (Grant *et al.*, 2011: 25; Platero, 2014: 147; Reed *et al.*, 2009: 17-18).

Temáticas transgenero na literatura infantil

Em relação ao conflito com os outros, os livros também não variam muito. A maioria expõe de um modo mais ou menos explícito e direto situações de *bullying*, normalmente psicológico e por parte de colegas da escola, mas também, por vezes, de adultos. Já em relação aos familiares, nomeadamente os pais e irmãos, predomina uma visão positiva, onde a transição é aceite logo à partida de forma incondicional ou, por vezes, após algumas reservas e dúvidas iniciais. Geralmente, quer seja em relação aos próprios pais ou aos colegas da escola, é apresentada a sequência das três fases habituais por que as outras pessoas passam quando se confrontam com a transgeneridade e que levam à sua recetividade, descritas por Lucas Platero (2014: 79): choque, aceitação e adaptação.

Ainda sobre o facto de estes livros serem centrados na transição e claramente direccionados para a explicação e normalização deste assunto, numa tentativa de dar visibilidade ao tema, não é de estranhar que os autores sejam, quase sempre, ativistas LGBTQI ou, até, familiares de crianças transgénero (não esquecendo o exemplo autobiográfico do *I Am Jazz*). Assim sendo, é também expectável que a maior parte dos livros inclua explicações mais ou menos pormenorizadas da disforia de género na própria história, ou, como vimos assinalando, alguns paratextos contextualizadores, estando os casos mais flagrantes nos dois livros da espanhola Edicions Belaterra.

Olhando agora apenas para os dois exemplos que, no fim de contas, acabamos por considerar mais atrativos, por já se aproximarem mais daquilo que seria literatura infantil – o *Trans Bird* e o *Introducing Teddy* –, julgamos relevante reforçar que ambos partilham uma característica essencial: o facto de darem primazia à história, preferindo as peripécias narrativas em vez de explicações mais ou menos conceptuais sobre a transgeneridade. Além disso, curiosamente, são os únicos livros que recorrem a protagonistas não-humanos (no caso, animais e um urso de peluche). Ao contrário do que acontece muitas vezes com temas difíceis e sensíveis, como a morte (Oittinen & Roig Rechou, 2016: 57), nas outras obras com temáticas transgénero que analisámos não se usam animais para criar distância emocional entre o leitor e os eventos narrados (mantendo ainda assim a empatia com as situações e as personagens).

Há um exemplo famoso da temática homossexual – o *Três com Tango*, escrito por Justin Richardson e Peter Parnell e ilustrado por Henry Cole, publicado em Portugal pela Kalandraka, em 2016 (edição original de 2005) –, onde a identificação se dá perfeitamente através da história (verídica) de dois pinguins macho que conseguem, com a intervenção do tratador do zoo de Nova Iorque, formar uma família. Este recurso aos animais, usual na literatura infantil, parece, no entanto, mais raro no caso das temáticas transgénero, ocorrendo apenas nas exceções que

referimos. Isto talvez se explique pela natureza do ímpeto inicial que terá levado à criação dos livros: o ativismo, ancorado em casos reais e concretos de crianças transgénero, onde poderá ser mais difícil dissociar o realismo das histórias e seus personagens do seu pendor didático.

2.2. Metáforas e alternativas

O essencial para se aceitar a transgeneridade é compreendê-la. Por isso julgamos natural que esse esforço pedagógico se ocupe principalmente da noção mais desafiante (não apenas para as crianças como também para os adultos): sentir-se um menino ou uma menina no corpo errado. Uma vez que as explicações mais científicas da psicologia, por exemplo, de pouco servirão às crianças, podem (e devem) utilizar-se todas as estratégias estilísticas possíveis, nomeadamente as metáforas. Para isso, no limite, qualquer livro que tematize metaforicamente a questão da diferença, particularmente a diferença de comportamento que vá contra as expectativas dos outros, pode permitir vários níveis de leitura e promover a aceitação da diferença no geral, servindo também indiretamente, dessa forma, para as temáticas transgénero⁸. Felizmente, a literatura infantil é pródiga nesse tipo de propostas. Entre os muitos patinhos feios dos livros infantis existe, entre outros, o famoso touro Ferdinando (ou Fernando, em algumas traduções) – do clássico *The Story of Ferdinand*, de Munro Leaf –, que preferia cheirar as flores em vez de participar em touradas. Este livro norte-americano de 1936⁹, adaptado ao cinema numa curta-metragem de animação da Disney, foi aliás usado ao longo dos anos para trabalhar as questões dos papéis de género com as crianças, à falta de propostas mais nítidas. Em Portugal, poderíamos utilizar o exemplo do leão Bernardino, do livro homónimo de Manuela Bacelar (2006, Edições Afrontamento), que não queria caçar gazelas e por isso é rejeitado pelo pai, ou a aranha vegetariana de *A História da Aranha Leopoldina*, de Ana Luísa Amaral (2000, Campo das Letras), que, «em vez de fazer teia, gostava de fazer meia».



Chegamos assim ao último livro que apresentamos neste artigo, o *Red*, de Michael Hall, publicado pela Harper Collins em 2015. Este livro conta a história de Red, um lápis de cera que saiu da fábrica com uma etiqueta que diz claramente que é vermelho. «Ele era Vermelho», começa o livro, «mas não era muito bom a sê-lo», lê-se ao virar da página, que mostra um carro de bombeiros colorido a azul pelo lápis de cera (Imagem 9).

⁸ Como preconizado, também, por Ana Margarida Ramos (2009: 309).

⁹ Entre outras edições, muitas vezes criadas a partir da adaptação da Disney, o livro conheceu em 2016 uma nova tradução e publicação pela Kalandraka, com conteúdo e forma semelhantes ao original.



Imagem 9 – Dupla página de *Red*

Apesar dos esforços do professor, dos outros lápis, tanto amigos como familiares, e até de outros materiais, como a fita-cola, a tesoura e o apara-lápis, Red não consegue pintar nada vermelho, mas sempre só azul. Até que um dia aparece um novo amigo que faz Red perceber que na verdade é azul, apesar do que diz a sua etiqueta. Então, Red para de tentar pintar coisas vermelhas e aceita a sua verdadeira natureza azul. A metáfora é irrepreensível. A diferença entre a sua etiqueta e a sua verdadeira essência, a interação com o professor, a família, os amigos e os outros utensílios, que o tentam *ajudar* a ser vermelho (e os comentários que fazem, como «Às vezes pergunto-me se ele é mesmo vermelho», «Não sejas tonta, diz vermelho na sua etiqueta.», «Ele veio assim da fábrica.»), até à chegada de um novo amigo que o aceita como ele é e o incentiva a expressar a sua identidade – e tudo isto servido numa história bastante criativa e divertida, sobre não mais do que um simples mal-entendido sobre a verdadeira cor de um lápis de cera¹⁰.

Na verdade, *Red* oferece uma metáfora universal para qualquer pessoa que não se sinta identificada de alguma forma com o seu aspeto exterior e não apenas para as pessoas transgénero – até porque em nenhuma parte do livro se faz a mínima referência sobre género. É *apenas* uma história sobre um lápis de cera a tentar cumprir as expectativas que os outros têm dele – ele *aparenta* ser vermelho e por isso tem de conseguir colorir os desenhos de vermelho.

¹⁰ Michael Hall, que conseguiu utilizar e *fazer seus* os lápis de cera, tão conotados com Oliver Jeffers, tem já um novo álbum com os mesmos personagens, o *Frankencrayon*.

O conceito está muito bem executado, a prosa consegue ser fluida, embora contida, as ilustrações são simples mas eficazes e, naturalmente, muito coloridas, estando o livro recheado de pormenores que incentivam a releitura (nomeadamente em relação às muitas personagens que a história consegue comportar em tão poucas páginas).

Sugerimos que a melhor forma de aferir, neste caso, a qualidade literária dos livros seja imaginá-los noutra contexto, procurando perceber se se *aguentariam* para além da sua *utilidade* didática corrente – e sem dúvida que *Red* continuaria a ser encantador. Quanto aos restantes livros que analisámos neste artigo, vimos que isso não acontece (excetuando, talvez, o caso de *Trans Bird* e de *Introducing Teddy*).

Considerações finais

Compreende-se que as temáticas LGBTQI surjam nas margens mais longínquas da literatura, em meios alternativos, independentes, ou mesmo através da autopublicação, por onde conseguem um primeiro impulso de visibilidade. Aos poucos, um movimento centrípeto começa a ser inevitável, à imagem do que aconteceu com a temática homossexual, por exemplo, acompanhando os tempos que trazem consigo mais informação e uma consequente compreensão das vidas dos outros – é afinal a empatia uma das dádivas maiores da literatura.

Neste estudo, vimos que o primeiro passo está dado nesse sentido – surgiram finalmente, nos últimos anos, livros infantis que incluem temáticas transgénero. Em resumo, *estamos* no bom caminho, com propostas que encetam um esforço de visibilidade e legitimação do tema, ainda que de forma não exageradamente propagandista. Os principais problemas residem, no entanto, no facto de as narrativas serem demasiado simplistas e centradas apenas no processo de transição (*sobre* o tema e não *com* o tema), com os seus problemas, desafios e soluções. Em algumas propostas não se trata sequer de falta de *qualidade*, mas do seu carácter *instrumental*, ainda num primeiro momento de pedagogia e normalização. Situam-se assim entre o que Juan Cervera considera “literatura instrumentalizada”, que são «mais livros do que literatura», compostos por textos criados para apoiar «exercícios de gramática ou outras matérias» (no caso, para o ensino sobre os conceitos da transgeneridade), onde predomina a «intenção didática sobre a literatura» e a «criatividade é mínima, para não dizer nula» (Roig Rechou, 2013: 39, 40).

Parece-nos que o mais importante nesta fase é precisamente a promoção da literatura infantil como «proteção primária contra a transfobia», como preconiza Lucas Platero (2014: 219-220) e a oportunidade da empatia, a possibilidade de nos abeirarmos de um outro que permanecia longe. Ganham as pessoas transgénero e a sua (nossa) causa, mas também ganha a comunidade, a



sociedade no geral. A verdadeira literatura virá depois, quando já não existir a necessidade de explicar, expor e normalizar coisa alguma.

Mesmo que o arco-íris do movimento LGBTQI não tenha essa relação direta entre as cores, é como se houvesse uma cor que ficasse esquecida – a que representaria as pessoas transgênero, transexuais e intersexuais – no meio do trabalho de mudar um mundo inteiro. O primeiro passo pode ser, afinal, tão simples como pegar na caneta, nas tintas e nos lápis de cor – ou num singelo lápis de cera mal etiquetado – e começar a introduzir essas temáticas nos livros infantis, aprendendo e ensinando as mil e uma formas de pintar todas as cores do arco-íris.

Referências bibliográficas

Bibliografia ativa

- AMARAL, A. L. (2000). *A História da Aranha Leopoldina*. Porto: Campo das Letras.
- BACELAR, M. (2006). *Bernardino*. Porto: Edições Afrontamento.
- BAILÓN, R. & DONOSO, N. (2015). *Trans Bird*. Madrid: opera prima.
- BALDACCHINO, C. & MALENFANT, I. (2014). *Morris Micklewhite and the Tangerine Dress*. Toronto: Groundwood Books.
- CARR, J. & RUMBACK, B. (2010). *Be Who You Are*. Bloomington, Indiana: Author House.
- DEPAOLA, T. (1979). *Oliver Button Is a Sissy*. Nova Iorque: Harcourt Brace & Co.
- ESTRELA, J. (2015). *Os Vestidos de Tiago*. Porto: Edição de autor.
- EWERT, M. (2008). *10,000 dresses*. Nova Iorque: Seven Stories Press.
- FABRIKANT, A. & LEVINE, J. (2013). *When Kayla Was Kyle*. Lakewood, Canadá: Avid Readers Publishing Group.
- GUTIÉRREZ, M. et al. (2015a). *El Rancho de Cris*. Barcelona: Edicions Belaterra.
- GUTIÉRREZ, M. et al. (2015b). *La Mochila Rosa*. Barcelona: Edicions Belaterra.
- HALL, M. (2015). *Red*. Nova Iorque: Harper Collins Children's Books.
- HERTHEL, J. et al. (2014). *I Am Jazz*. Nova Iorque: Dial Books for Young Readers.
- HOFFMAN, S. et al. (2014). *Jacob's new dress*. Park Ridge, Illinois: Albert Whitman & Company.
- JENNINGS, J. (2016). *Being Jazz: My Life as a (Transgender) Teen*. Nova Iorque: Crown Books for Young Readers.
- KILODAVIS, C. & DESIMONE, S. (2010). *My Princess Boy*. Nova Iorque: Aladdin.

- LEAF, M. & LAWSON, R. (2016). *A História de Ferdinando*. Matosinhos: Kalandraka.
- RICHARDSON, J. et al. (2016). *Três com Tango*. Matosinhos: Kalandraka.
- ROTHBLATT, P. (2011). *All I Want To Be Is Me*. Seattle: CreateSpace.
- WALTON, J. & MACPHERSON, D. (2016). *Introducing Teddy*. Nova Iorque: Bloomsbury Children's Books.
- WONG, W. (2011). *When Kathy Is Keith*. Bloomington, Indiana: Xlibris.

Bibliografia passiva

- GRANT, J. M. et al. (2011). *Injustice at Every Turn: A Report of the National Transgender Discrimination Survey*. Washington: National Center for Transgender Equality and National Gay and Lesbian Task Force.
- KINCHIN, J. & O'CONNOR, A. (2012). *Century of the Child: Growing by Design 1900-2000*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.
- MOTA, C. (2016). *Viagem Exploratória Pela Atual Literatura Infantil*. Porto: Tropelias & Companhia.
- OITTINEN, R. & ROIG RECHOU, B.-A. (2016). *A Grey Background in Children's Literature: Death, Shipwreck, War and Disasters / Literatura infantil y juvenil com fondo gris: muerte, naufragios, guerras y desastres*. Munique: Iudicium.
- PLATERO, R./L. (2014). *Trans*sexualidades: Acompañamiento, factores de salud y recursos educativos*. Barcelona: Ediciones Belaterra.
- RAMOS, A. M. (2009). "Saindo do armário – Literatura para a Infância e a reescrita da homossexualidade". *Forma Breve*, 7, 293-312.
- REED, B. et al. (2009). *Gender variance in the UK: prevalence, incidence, growth and geographic distribution*. Londres: Gender Identity Research and Education Society.
- ROIG RECHOU, B.-A. (2013). *Educação Literária e Literatura Infanto-Juvenil*. Porto: Tropelias & Companhia.

